

CAPÍTULO 1

Elogio do Pensamento Crítico^{*1}

Renán Vega Cantor

Quem, nos dias de hoje, quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade, tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve conseguir escolher em que mãos será eficiente: deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram. E mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa.

(Brecht, 1985)

Você não tem inimigos? Então você nunca disse a verdade
ou jamais amou a justiça.

O termo **Pensamento Crítico** pode se tornar uma abstração e até ter caráter tautológico, se não se especifica o que se quer dizer com esse termo. Uma abstração que pode se tornar uma mera afirmação, repetida sem muito cuidado. Uma tautologia, porque, a rigor, todo pensamento que mereça esse nome deve ser crítico de tudo o que existe e de si mesmo. Mas, como hoje foi entronizado no mundo todo, um conjunto de banalidades típicas de um pensamento único, de um pensamento submisso e de um

* 10.29388/978-65-6070-130-4-0-f.14-26

¹ Capítulo traduzido para a língua portuguesa por Andrés Giovanni Contreras Diazza (Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ).

pensamento abjeto, faz sentido falar em pensamento crítico não só para diferenciá-lo dessas formas, mas também para resgatar a essência de uma reflexão que não permanece na mera contemplação, aceitação ou apologia de tudo o que existe. Nessa ordem de ideias, e de forma um tanto esquemática, especificaremos quais seriam, em nosso sentir e entender, as características do pensamento crítico que se encarna, evidentemente, em homens e mulheres de carne e osso, que, finalmente, são os pensadores e as pensadoras críticos.

1

É um pensamento histórico. O sistema capitalista se apresenta a si mesmo como o fim da história, o melhor dos mundos, uma realidade insubstituível sem passado nem futuro e a realização plena do presente perpétuo, que sempre gravita na mesma questão: a produção mercantil e o consumo exacerbado. Nem antes nem depois do capitalismo é possível conceber a existência de outras formas de organização social, porque tudo está sujeito ao ritmo demoníaco da chamada “destruição criativa” que promete um reino eterno, aqui na terra, de opulência e desperdício. Para que todas essas falácias se imponham, é necessário cortar os vínculos entre os seres humanos e a história, ou melhor, negar que somos seres históricos que estamos ancorados ao mesmo tempo no passado, no presente e no futuro, e que, no passado, brilham os reflexos de projetos e alternativas dos vencidos, iluminando o futuro para que o presente não apareça como uma fatalidade que temos de aceitar e contra a qual nada podemos fazer. Por isso, impôs-se a amnésia e o esquecimento, para aceitarmos que sempre existiu e existirá o capitalismo, sem que possamos conceber outras formas de organização social e outras maneiras de nos relacionarmos entre nós e com a natureza.

Para enfrentar esses prejuízos sobre a eternidade do presente capitalista, a história deve ser um instrumento indispensável de análise e reflexão que nos ajude a recuperar outras perspectivas, que

nos lembrem que o capitalismo é apenas uma relação social historicamente constituída, que não representa de forma alguma o fim da história. O conhecimento histórico nos ajuda a compreender que o presente atualmente existente é o resultado de processos complexos, nos quais, entre muitas alternativas, foi imposta, frequentemente com violência e irracionalidade, apenas uma delas. Em suma, o pensamento crítico se baseia na célebre proposta de Pierre Vilar de pensar historicamente, para localizar, situar, relativizar, datar, explicar, compreender e contextualizar todos os processos existentes, incluindo o capitalismo.

2

É um pensamento radical para desvendar a injustiça e a desigualdade, é necessário ir à raiz dos fenômenos, a fim de explicar suas causas fundamentais. É isso que o termo radical significa: mergulhar no fundo dos processos e não permanecer prisioneiro do mundo das aparências. Um pensamento radical supõe perscrutar, sem concessões, os mecanismos que mantêm a dominação, a exploração e a opressão, chamando as coisas pelo nome, e desmontando as falácias ideológicas que são usadas para encobrir com eufemismos a dura realidade. É claro que o pensamento radical não é uma questão puramente linguística ou retórica, já que o próprio uso de certos conceitos (como capitalismo, imperialismo, classes sociais, desigualdade) implica a adoção de um ponto de vista, que tem consequências práticas na vida das pessoas que assumimos esse tipo de crítica radical.

3

É um pensamento antcapitalista. A rigor, o pensamento radical de hoje precisa ser antcapitalista, porque durante duas décadas nos foi anunciado que o mercado perfeito havia se tornado uma realidade após o fim da União Soviética e que sua imposição

garantia crescimento ilimitado e a satisfação, via consumo, das necessidades de todos os habitantes do planeta. Essas mentiras foram despedaçadas pela crise capitalista, que se estendeu pelo mundo desde 2008, na qual ficou evidente que os custos da crise são pagos pelos trabalhadores e pelos pobres, como estamos assistindo na União Europeia, o modelo por excelência do triunfalismo capitalista, mas que hoje está em frangalhos por todos os lados e coloca o mundo no perigoso dilema fascista da década de 1930. Se as coisas são assim, e ficou nítido que o capitalismo, em vez de contribuir para resolver os problemas da humanidade, tende a agravá-los com sua lógica mercantil baseada no lucro e no crescimento ilimitado, é necessário voltar a propor um projeto que vá além do capital.

4

É um pensamento aberto para ser radicalmente anticapitalista, é indispensável apoiar-se tanto nas mais diversas tradições revolucionárias quanto no conjunto das ciências e das artes. O pensamento crítico precisa de um diálogo permanente com vários legados emancipatórios que vêm sendo construídos ao longo de vários séculos em diferentes partes do mundo, entre os quais se destacam o pensamento de Marx e seus seguidores mais lúcidos, o anarquismo, o ecologismo, o feminismo, o indigenismo e tudo o que auxilie no propósito de reconstruir uma agenda de luta contra o capitalismo e o imperialismo. Da mesma forma, como nos ensinaram os grandes pensadores da nossa América e de outros continentes (como José Carlos Mariátegui, Antonio Gramsci, György Lukács), a reflexão crítica se enriquece em um diálogo fecundo com a ciência e a técnica, uma troca necessária para enfrentar a crise de civilização à qual o capitalismo nos conduziu e na qual estamos todos imersos. Pois essa crise não pode ser compreendida sem considerar os impactos nefastos e contraditórios das tecnociências, o que torna necessário ter um mínimo de

rudimentos sobre elas que nos permitam esboçar uma distância crítica, muita prudência e circunspecção.

5

É um pensamento que questiona a ideia otimista de progresso. Após constatar os custos contraditórios da filosofia do progresso, com toda a sua procissão de morte e destruição, é pertinente questionar o progressismo em todas as suas variantes, e, em especial, o culto à tecnociência por todas as implicações práticas que têm. Hoje, quando a razão instrumental se impôs e o fetichismo da mercadoria se generalizou, fomentando a lógica irracional de produzir para consumir em um círculo vicioso cada vez mais destrutivo, torna-se urgente problematizar os projetos progressistas que se baseiam no ter em detrimento do ser, na quantificação abstrata, própria da mercadoria, desconsiderando o valor de uso, na ideia de consumir até a exaustão como substituto do bem viver em condições dignas. A crítica da filosofia do progresso é indispensável para abandonar as ilusões sobre as soluções técnicas para resolver os problemas que o capitalismo gerou (como o transtorno climático ou a destruição dos ecossistemas) e para voltar a priorizar as soluções sociais e políticas. Apesar de todas as vicissitudes dos projetos anticapitalistas falidos do século XX e da tragédia ambiental e humana na China, já não é possível continuar cultuando o “Progresso”. Isso, é claro, resulta em uma ideia impopular devido à imposição generalizada do consumo de artefatos tecnológicos na vida cotidiana, mas ela precisa ser levantada para que se possa estudar em profundidade as consequências prejudiciais da expansão do modo americano de produção e consumo, frequentemente aplaudido como a expressão máxima do progresso, mas que, na realidade, destrói a natureza e os pobres.

É preciso dizer, isso não supõe o abandono da ciência nem da técnica, como continuamente sustentam aqueles que acreditam que criticar o progresso é rejeitar completamente a modernidade e

retroceder à época das cavernas. Em vez disso, trata-se de resgatar o melhor da modernidade para pensar na construção de outro tipo de civilização ecossocialista.

6

É um pensamento ecologista e antipatriarcal. A destruição ambiental é generalizada no planeta; a Colômbia não é exceção, especialmente agora com as locomotivas da mineração e do livre comércio. O ecocídio avança de maneira incontível ao ritmo da expansão capitalista pelos cinco continentes, como demonstram as cada vez mais frequentes catástrofes sociais, resultantes da destruição da natureza e da mercantilização dos bens comuns. Isso obriga a atender, por meio da reflexão analítica, o estudo dos limites ambientais do capitalismo e os perigos que isso acarreta para grandes parcelas da população: principalmente, os mais pobres. É necessária uma nova sensibilidade que incorpore a crítica anticapitalista, que estuda a contradição capital-trabalho em profundidade, e uma crítica de similar importância que esclareça a contradição capital-natureza e que envolva todos os sujeitos sociais afetados por essa segunda contradição. Consequentemente, o pensamento crítico precisa ser profundamente ecologista, em uma perspectiva que seja um complemento indispensável do anticapitalismo.

Ao mesmo tempo, dadas as notáveis contribuições teóricas de diversas correntes do feminismo, em consonância com o subjugamento da maior parte das mulheres, é prioritário que o pensamento crítico assuma o questionamento ao patriarcado e a todos os seus componentes de opressão e marginalização da metade do gênero humano.

É um pensamento nacionalista e internacionalista ao mesmo tempo. O capitalismo existente e seus ideólogos, entre os quais se destacam os neoliberais, encarregaram-se de construir um falso dilema: por um lado, eles, apresentando-se como os globalizadores por excelência, abjuram de tudo o que é relacionado ao nacional, considerando-o como algo próprio do atraso e da barbárie. Isso foi feito para justificar a entrega da soberania dos países e dar de presente os bens comuns encontrados em seus territórios, tudo em nome de uma pretensa modernização global. Por outro lado, como resposta a esse universalismo abstrato, outros porta-vozes do capitalismo, ao mesmo tempo, têm desencadeado ferozes guerras xenófobas em vários continentes, incentivando o chauvinismo e a limpeza étnica.

Contra esse falso dilema – entre o universalismo abstrato e o fanatismo nacionalista –, o pensamento crítico deve e precisa reivindicar outro tipo de nacionalismo a partir do internacionalismo. Não se pode abjurar o melhor da configuração nacional na nossa América, sobretudo nestes tempos de vergonhosa desnacionalização promovida pelas classes dominantes desses países, como é evidente na Colômbia. Isso não significa reivindicar, de forma alguma, um patriotismo barato e ultrapassado, típico da mentalidade retrógrada dos latifundiários e fazendeiros de Antioquia e de outras regiões do país. Pelo contrário, significa postular um nacionalismo cosmopolita, baseado na máxima de José Martí: “Pátria é humanidade”. Como quem diz, que estejamos assentados no nosso território. Mas, para compreender melhor o mundo, devemos nos relacionar de forma mais adequada com os outros países, e não nos considerarmos melhores ou piores do que os outros. Esse internacionalismo, além disso, é urgente tanto para recuperar as melhores tradições de luta dos últimos dois séculos na nossa América, quanto para demonstrar solidariedade e compartilhar as utopias dos oprimidos do mundo inteiro.

É um pensamento anticolonialista e anti-imperialista.

Por reivindicar o melhor do nacional e o melhor do mundo, o pensamento crítico é, e tem que ser, anticolonialista e anti-imperialista. Além disso, porque hoje o colonialismo se reforçou, após ter sido seriamente enfraquecido na década de 1960 com a extraordinária luta de libertação nacional conduzida pelos povos africanos e asiáticos, cuja gesta fez a história universal gravitar em torno do que então se chamava de Terceiro Mundo. Essa epopeia anticolonialista gerou contribuições intelectuais imperecíveis ao pensamento universal, representadas na obra de Franz Fanon, Walter Rodney, Amílcar Cabral e Aimé Césaire. Como ficou evidente hoje, o colonialismo, na verdade, nunca desapareceu; pelo contrário, se ocultou sob outros mantos e emergiu com toda a sua força nas últimas décadas, assumindo o velho discurso eurocêntrico com a retórica da globalização. Essa nova conquista, a colonização externa, no caso da nossa América, é acompanhada por outro fenômeno que existe nesse continente há cinco séculos, mas do qual pouco se fala; trata-se do colonialismo interno, fomentado pelas classes dominantes para manter seus privilégios às custas da exclusão, discriminação e exploração dos indígenas, afrodescendentes e *mestiços* pobres.

A nova colonização é também, como sempre foi, cultural e agora acadêmica, porque dos centros hegemônicos da cultura universitária se impõem novas modas intelectuais, que desdizem e negam o próprio contexto e realidade do nosso continente, seus processos de luta e seus próprios projetos culturais, para implantar uma linguagem artificial e falsa, criada para agradar aos novos imperialistas e seus mandarins culturais. Consequentemente, o pensamento crítico deve estar atento a beber das mais diversas fontes, mas sem cair nas tentações da novidade e das modas efêmeras, impostas desde Nova Iorque ou Paris.

É um pensamento que reivindica os oprimidos de todos os tempos e suas lutas. O pensamento crítico pretende desvendar os mecanismos de exploração e opressão na atualidade, apoiando-se em uma visão histórica na qual emergem os sujeitos que se rebelaram contra as diversas formas de dominação em várias épocas. O conhecimento dos processos históricos demonstra que, mesmo nas piores condições, como na época da escravidão moderna que perdurou por quatro séculos (entre 1500 e 1890), houve protestos, sublevações e rebeliões próprias do que pode ser chamado de hidra da inconformidade dos plebeus. Como uma hidra mitológica que renasce mesmo quando sua cabeça é destruída, o mesmo aconteceu em vários momentos da história do capitalismo com a luta dos explorados. Apesar da tortura, da perseguição e do assassinato de líderes e dirigentes populares, o protesto dos subalternos reapareceu repetidas vezes. Estudando as lutas dos vencidos, alimenta-se o fogo da inconformidade no presente, porque eles nos acompanham desde a posteridade com a memória de suas ações.

Nesse sentido, poderíamos acrescentar o postulado de Walter Benjamin de “Pedimos àqueles que vierem depois de nós não a gratidão por nossas vitórias, mas a rememoração de nossas derrotas. Isso é um consolo: o único consolo dado àqueles que não têm mais esperança de serem consolados” (Löwy, 2005). Em suma, a síndrome de Spartacus, baseada no lema “Eu me rebelo, logo existo”, deve sintetizar a lembrança daqueles que lutaram em todos os tempos, um componente indispensável do pensamento crítico.

É um pensamento comprometido e não meramente contemplativo. Os enormes problemas que o mundo atual enfrenta, agravados ainda mais em nosso continente pela dependência e servilismo das classes dominantes, requerem tanto

uma reflexão séria e rigorosa quanto o envolvimento dessa reflexão com os problemas das pessoas comuns. Em poucas palavras, trata-se de que o pensamento seja encarnado em sujeitos concretos para devir em práxis transformadora, à luz dos problemas específicos que a maior parte da população enfrenta. Não estamos falando de uma instrumentalização artificial das ideias que abjure da importância da reflexão e que despreze o trabalho intelectual, mas da necessidade de vincular, de alguma forma, essas reflexões com os problemas reais das pessoas. Gosto de reivindicar nossa atividade como própria dos trabalhadores do pensamento, como elaborava Julio Antonio Mella quando afirmava: Intelectual é o trabalhador do pensamento. O trabalhador! Ou seja, o único homem que, a julgar por Rodó, merece a vida, é aquele que empunha a caneta para combater as iniquidades, como outros empunham o arado para fertilizar a terra, ou a espada para libertar os povos. (Mella, 1978)

Se considerarmos a elaboração do pensamento crítico como um trabalho, e não como uma refinada atividade especulativa à margem do mundo real, teremos mais oportunidade de nos vincular com o resto dos trabalhadores, incluindo aqueles que com suas mãos labutam a terra ou fabricam as coisas. Assim, poderíamos declarar nossa atividade como um artesanato do pensamento; um artesanato de produtos intelectuais que tem direta ou indiretamente alguma utilidade para as pessoas.

Por outro lado, o pensamento crítico não renuncia a seus compromissos e, por isso, sabe que é perseguido e reprimido, porque busca instalar outro projeto de mundo e de sociedade insuportável para os detentores do poder e da dominação em nosso tempo, onde quer que se encontrem. O pensamento crítico adota o lema do filósofo de Tréveris, sua décima primeira tese: “Os filósofos têm somente interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.”

Nesse mesmo sentido, o pensamento crítico, além de estar comprometido com os pobres e indefesos, é uma forma alternativa de pensar, pois, com eles, busca elaborar propostas anticapitalistas;

ao mesmo tempo, propõe que outro mundo é possível e necessário, caso contrário, o capitalismo será o fim da história no sentido literal da palavra, pois destruirá a todos nós e ao nosso planeta.

11

É um pensamento universitário e extrauniversitário ao mesmo tempo. A universidade pública foi uma conquista das sociedades latino-americanas, conquista alcançada com muito esforço e com o sacrifício de estudantes e professores. Durante muito tempo, procurou-se que essa universidade fosse um espaço democrático e popular, e isso foi alcançado em alguns países da região, sendo o México o principal exemplo. Apesar dos obstáculos, a universidade pública foi, por algum tempo, o farol intelectual que iluminou ideias e projetos transformadores que acabaram tendo um impacto fora dos campi universitários. Agora, estamos assistindo à transformação da universidade pública em um mercado educacional que vende serviços e pretende transformar professores e estudantes em fornecedores e clientes de combos mcdonalizados. Para atingir esse propósito, é indispensável erradicar dos campi todos aqueles que questionam, criticam e duvidam, pois a universidade da ignorância exige professores, alunos e funcionários obedientes e submissos. Em consonância com isso, a consigna dos mercadores da educação é erradicar o pensamento crítico do mundo universitário, sob o pretexto de que não é útil nem lucrativo. Essa é a situação que enfrentamos hoje de maneira direta todos nós que fizemos da universidade pública nosso projeto de vida. É necessário, portanto, defender esse território democrático da investida do capital nacional e estrangeiro, a fim de preservar a livre exposição e discussão de ideias, projetos e propostas, e para construir nações e sociedades justas e igualitárias.

Considerando que grandes problemas da sociedade são assumidos por organizações populares que constroem suas próprias ferramentas analíticas, é necessário que o pensamento crítico,

produzido no reduzido âmbito acadêmico, se relacione com essas organizações e se nutra de suas lutas. Dessa forma, e a partir dessas experiências alheias, o pensamento crítico poderá estabelecer uma relação dialógica com essas organizações em prol de uma práxis transformadora concreta. Em outras palavras, o pensamento crítico também é construído fora dos espaços universitários, na rua, na praça pública.

12

É um pensamento digno. Para terminar, devem-se mencionar as implicações éticas do pensamento crítico, o que está relacionado com os interesses que representa; com as forças sociais das quais aprende, se nutre e ao mesmo tempo alimenta; e com os valores que defende. Nesse aspecto, a dignidade é uma de suas características distintivas. Por dignidade entendemos muitas coisas entrelaçadas e complementares: a independência de critério; a liberdade de crítica; a insubordinação; a defesa dos desamparados; valorizar as coisas pelo que são e não pelo seu preço monetário; assumir os custos e as consequências do que se diz sem fazer concessões ou traficar princípios morais; não se ajoelhar ou se subordinar aos amos e poderosos em troca de retribuição ou reconhecimento formal que busque a claudicação; e se manter ao lado dos oprimidos, mesmo que isso implique marginalização e criminalização.

O pensamento digno não se vende por algumas migalhas, não se desmorona diante da adulação e da lisonja interessada dos mercadores do saber e da pesquisa, não se subordina aos ditados da figuração midiática própria da sociedade do espetáculo, não escreve ou disserta sobre o que traz dinheiro e fama, não negocia com o saber como se fosse uma mercadoria, não se valoriza na bolsa de valores do arrivismo intelectual. Aqueles que cultivam o pensamento crítico caminham com retidão, com a cabeça erguida por um sentido apurado de dignidade; não o fazem da mesma maneira que os porta-

vozes da mentalidade submissa que, infelizmente, são a vasta maioria. Esses, como afirma o dramaturgo italiano Dario Fo “Eles andam eretos porque a merda chega até o pescoço.”

Referências

BRECHT, Bertolt. Cinco obstáculos para escribir la verdad. In: *El arte y la política*. Managua: Nueva Nicaragua, 1985.

CANTOR, Renan Vega. *Gente muy rebelde*. Protesta popular y Modernización capitalista en Colombia (1909- 1929). Bogotá/Colômbia: Ediciones Pensamiento Crítico, 2002.

Disponível em: <https://lafulminante.com/wp-content/uploads/2023/02/30891368-Gente-muy-rebelde-2-Renan-Vega-Cantor.pdf> Acesso: 22 de outubro de 2023.

CANTOR, Renan Vega. Elogio del pensamiento crítico. *Revista Herramienta*, n. 50. Buenos Aires/Argentina: Herramienta, uma revista de debate e crítica marxista, 2012. Disponível em: <https://www.herramienta.com.ar/?id=1721>

GALEANO, Eduardo. *Los hijos de los días*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin, aviso de incendio*. Una lectura de las tesis “Sobre el concepto de historia”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

MELLA, Julio Antonio. Intelectuales y tartufos. In: *Escritos revolucionarios*. México: Siglo XXI, 1978.